

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria. Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria. Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



A PEREGRINAÇÃO de Dezembro, 13

A peregrinação do dia 13 de Dezembro ao Santuário Nacional de Nossa Senhora da Fátima, a última do ano que findou, não teve apreciável concorrência de fiéis, como já era de esperar e como costumava suceder nos anos anteriores.

O tempo estava esplêndido, mas os trabalhos próprios da estação do ano retinham longe daquele lugar bendito grande número de habituais romeiros.

Depois da recitação do terço junto da capela das aparições e da primeira proceissão com a veneranda Imagem de Nossa Senhora, celebrou a Missa dos doentes, no altar exterior da capela das confissões, o rev. P.º António dos Reis, director espiritual do Seminário de Leiria e antigo Administrador da «Voz da Fátima».

Ao Evangelho fez a homilia o rev. dr. Manuel Marques dos Santos, vice-reitor do mesmo Seminário e director das associações de Servitas, que também dirigiu o canto litúrgico e presidiu à recitação das invocações. Foi o celebrante que no fim da Missa deu a bênção aos doentes.

Tomou parte nesta peregrinação a Companhia de Pesca do sr. José Casalinho, da Nazaré, no total de cem pessoas.

Acompanhava os pescadores o rev. P.º José Ferreira.

Realizada a segunda proceissão, os peregrinos, reunidos junto da capela das Aparições, fizeram a sua consagração a Nossa Senhora e cantaram o «Salvé, nobre Padroeira»; o «Queremos Deus» e o «Adeus», retirando-se para as suas terras distantes.

Visconde de Montelo

Maria Manuela Nunes Monteiro Teixeira Bastos, nascida em Lisboa, de trinta e dois anos de idade, professando a religião católica, casada com o 1.º Tenente Álvaro Monteiro Teixeira Bastos, residente na Rua Tomás Ribeiro, n.º 51-3.º-Enq.º, freguesia de S. Sebastião da Pedreira da cidade de Lisboa;

Sofrendo há oito anos de apendicite e anexite, foi operada em três de Outubro de mil novecentos e trinta e nove, sobrevivendo-lhe uma infecção que a obrigou a estar três meses hospitalizada. Tendo vindo para casa de maca, continuou de cama, sujeitando-se sempre aos mesmos dolorosíssimos tratamentos. Devido ao prolongado e intenso sofrimento e da sua alimentação ser quasi nula desde a data da operação, acentuava-se de dia para dia o seu enfraquecimento geral.

Não conservava alimento, algum, vomitando constantemente, sentia grandes dores de cabeça, vertigens, grandes excitações e um completo indiferentismo por tudo, com excepção da religião. Só conseguia dormir com hipnóticos, que chegou a tomar em doses alarmantes. Foi-lhe então diagnosticada uma anorexia mental. Consultados diversos médicos psiquiatras, ginecologistas, urologistas e clinica geral, foram ensaiados diversos tratamentos, desde os persuasivos até aos violentos. Se por vezes havia ligeiríssimas melhoras, contudo não se mantinham. Tendo estado hospitalizada sete meses no Hospital da Universidade em Coimbra, não se modificou o seu estado. Deu, então entrada na Casa de Repouso de Abrunhosa, para ver se com os bons ares, sossego completo, mudança de meio, e uma assistência permanente e cuidada, se obtinha a sua cura. Nos primeiros quatro meses conseguiram-se algumas melhoras no estado geral, se bem que a sua anorexia mental se conservasse na mesma, o que a fazia sofrer atrocmente, pois estava perfeitamente consciente do seu estado, lutando sempre por vencer a repugnância aos alimentos sem nunca nada conseguir. Depois começou a peorar de tal forma que nem a água que bebia conservava no estômago. Tendo feito todos os tratamentos que os médicos prescreveram e não obtendo melhoras, convenceu-se que eles nada podiam fazer, não deixando no entanto de tomar todos os medicamentos indicados, embora sem o menor resultado.

Pôs então todas as suas esperanças em Nossa Senhora da Fátima de quem era muito devota, e a quem tinha já ido visitar em diversos anos à Cova da Iria. O seu maior desejo era ir a Fátima. No seu precário estado de saúde a viagem representava um perigo, no entanto tudo se fez para que ela pudesse ir até junto da Virgem. Apesar de toda a boa

vontade, o seu estado de fraqueza era tal, que se recou, e por vezes se duvidou, que esse seu desejo pudesse ser realizado.

No dia onze de Outubro de mil novecentos e quarenta e um, salu da Casa de Repouso de Abrunhosa num estado de abatimento físico deplorável, mas confiante em Nossa Senhora de Fátima e inteiramente abandonada nas Mãos de Deus.

A viagem foi tormentosa, não dando conta do que se passava em volta, chegando a desmaiar e sendo necessário dar-lhe várias injeções durante o percurso. Chegada à Cova da Iria foi levada de maca para um

dos quartos do Hospital de Nossa Senhora da Fátima.

Havia já quinze dias que nem mesmo a água conservava no estômago, tornando-se por isso o seu estado cada vez mais inquietante.

No dia doze — sempre de cama — acompanhou o Terço que se rezava no Santuário. No dia treze levaram-lhe ao quarto Nossa Senhora Sacramentado, podendo assim terminar a novena de comunhões que estava fazendo.

Embora sempre confiante na Mãe do Céu, entregava-se cada vez mais a Deus numa inteira aceitação à Sua Divina Vontade.

Perto do meio-dia, foi levada de maca para o recinto dos Doentes, onde assistiu à Missa e Bênção do Santíssimo comovidamente, e com a maior devoção. Em seguida foi transportada novamente para o Hospital onde passado um tempo adormecia. Quando acordou sentiu a sua cabeça liberta de todas as tormentas e pesadelos em que durante dois anos esteve mergulhada, sentindo uma calma e bem-estar igual ao que possuía antes de adoecer.

No dia seguinte, antes de partir de Fátima, conseguiu ir, amparada, à Capela das Aparições, onde esteve a rezar.

A viagem de regresso à Casa de Repouso de Abrunhosa, foi feita em condições bem diferentes, pois apesar de fatigada, sentia-se com nova vida.

Nunca mais teve um vômito, nem repugnância pela comida, começando logo a alimentar-se. Por vezes sente a necessidade de comer, o que desde há dois anos não lhe acontecia. O seu peso já teve um aumento de dois quilos, desde o dia catorze de Outubro ao dia dezassete de Novembro.

Actualmente continua a alimentar-se, sente-se absolutamente calma, e liberta de todos os pesadelos e tormentos que o seu cérebro sentia. Voltou-lhe a afectividade que tinha perdido, desaparecendo-lhe também o indiferentismo que sentia. Dorme sem ajuda de qualquer hipnótico.

Desejando que para maior honra e glória de Deus e de Sua Mãe Maria Santíssima, os factos atrás relatados fossem do conhecimento público solicitava que este relatório fosse publicado na íntegra no jornal «A Voz da Fátima». Para sua autenticidade junto envi o atestado respectivo.

O marido da Doente.

Álvaro Monteiro Teixeira Bastos

Henrique Meleiro de Sousa Doutor em Medicina e Cirurgia pela Faculdade de Medicina de Lisboa.

Atesto que a Ex.ª Senhora Dona Maria Manuela Nunes Monteiro Bastos deixou de sentir desde o dia treze de Outubro de 1941, as perturbações psíquicas que se tinham instalado em Outubro de 1939, e que se exteriorizavam por anorexia, vômitos persistentes, insónias, perda de peso, e instabilidade nervosa.

Actualmente pode considerar-se curada das perturbações psico-neuróticas tendo desaparecido o indiferentismo pelo meio exterior.

Venceu a repugnância que tinha por qualquer alimento, o que lhe deu um aumento de peso de dois quilogramas, e renasceu a afectividade pela família.

Por ser verdade e me ser pedido passo o presente que assino sob minha palavra de honra.

Lisboa, 20 de Novembro de 1941.

Henrique Meleiro de Sousa



Imagem de Nossa Senhora da Fátima que se venera na Igreja de S. José de Singapura (Malaya) onde se travaram violentos combates entre os Aliados e os Japoneses. A Santíssima Virgem proteja os seus filhos e dê a paz a todos.

1917 = 1942

Aos devotos de Nossa Senhora, aos seus queridos leitores, a «Voz da Fátima» vem anunciar-lhes a grande comemoração a realizar-se em 1942 — o vigésimo-quinto ano das Aparições da Santíssima Virgem, na Cova da Iria.

Ano de grande jubilo!...

Preparemos as nossas almas para manifestarem o seu reconhecimento por tantas graças recebidas, peçamos à Senhora que continue a proteger os seus filhos, volte a voar sobre o mundo revólto a pombinha branca da Paz.

Rainha da Paz, rogai por nós

Mistério da Dor

Acompanha-nos por toda a parte, envolve-nos pelo exterior, introduz-se nas nossas casas, penetra nas nossas almas, este mistério angustioso e pungente da dor que a todos aflige e perturba e que a nossa natureza não compreende e não ama.

Foi preciso que Deus se fizesse um de nós e no-lo viesse explicar a terra com a eloquência simples e potente do Seu Verbo, mas sobretudo com a eloquência mais convincente ainda do Seu exemplo. Exemplo sublime de sofrimento contínuo, o de Jesus durante os trinta e três anos que viveu entre nós: humilhações, abandono e repulsa dos seus; frio, fome, cansaço, insultos, escárnios, maus tratos e afrontosa morte, tudo quis suportar por nosso amor, para nos resgatar dos abismos do pecado e para nos ensinar a sofrer e amar o sofrimento por Seu amor e pelas almas.

E assim divinizado, o sofrimento toma um novo aspecto. Se continua a repugnar à nossa pobre natureza fraca e decaída, todavia as almas enamoradas do Mestre e arrastadas pelo Seu exemplo, aceitam e amam a dor porque compreendem alfin o papel que ela tem na vida: purificar e modelar as almas; fortalecer vontades; temperar e suavizar caracteres; ennobrecer e dignificar a existência; expiar faltas próprias ou dos outros para aplacar a divina Justiça tão ofendida pelos homens.

Nos dias incertos e angustiosos que o mundo atravessa, o sofrimento tem uma universalidade e intensidade trágicas — justo castigo permitido por Deus tão ofendido e insultado.

A humanidade ímpia e cega tem atrido ao Céu como um desafio criminoso e ousado, os seus crimes. Os seus pecados e podridão; e o flagelo de Deus cai justamente sobre nós porque não quisemos seguir a Sua lei de amor, os Seus preceitos divinos.

Há 25 anos que Maria Santíssima desceu à Cova da Iria e por três inocentes pastorinhos nos mandou maternalmente avisar que emendássemos a nossa vida, que fizessemos penitência... E as vidas não se emendaram; e o impudor, o sensualismo, a avareza, a nega-

ção de Deus continuaram a campear à vontade e descaradamente entre os homens. De que nos queixamos pois? Ao menos sabemos curvar humildemente a frente diante da divina justiça que tão claramente se patenteia e, de coração sinceramente contrito, digamos ao Senhor: *peccavi: miserere mei, Domini.*

Acetemos resignadamente o quinhão de dor que nos couber nestes dias sombrios e inquietantes. Voltemo-nos mais ardentemente para Jesus e lance-mo-nos aos pés de Maria Santíssima que tudo pode alcançar do Seu Divino Filho. Moss.

A melhor prenda do Ano Novo

que uma mãe cristã pode dar às suas filhas é a assinatura da revista «Stella».

Preço da assinatura anual esc. 26\$00, da assinatura semestral esc. 13\$40, incluindo as despesas do correio. Pagamento adiantado. Enviar esc. 2\$00 em selos pedindo um exemplar-espécime. Dirigir-se à Administração da «Stella» — Cova da Iria (Fátima).

Voz da Fátima

Despesas	
Transporte	2.266.722\$38
Papel, comp. e impr. do n.º 231	21.277\$35
Franq. Emb. Transporte do n.º 231	5.903\$92
Na Administração	231\$50
Total	2.294.141\$15

Donativos desde 15\$00

Sealmando Nunes da Silva, Cascais, 15\$00; António Martins Pereira, Costa-do-Valado, 100\$00; P.º Lucas Machado, S. Vicente-de-C-Verde, 100\$00; José de Almeida, Viseu, 30\$00; João Goulart Garcia, Açores, 20\$00; D. Elvira da Conceição Neves, 25\$00; D. Carolina Chaves, S. Paulo, 20\$00; Adriano e D. Carmen Loureiro, Lourenço Marques, 50\$00; P.º Gustavo Fernando, S. João-de-Tarouca, 21\$00; D. Gertrudes Calado, Cabeco-de-Vide, 17\$00; D. Maria Alves Monteiro, Pico — Açores, 23\$40; Manuel Ferreira Torcato — Brasil, 402\$40; D. Eugénia Vitória Gonçalves, Porto, 20\$00; D. Maria Joana Godinho Branco, Alentejo, 50\$00; André Chichorro Marcão, Alentejo, 20\$00; D. Maria G. dos Santos, Castanheira-do-Sul, 50\$00; Francisco José Gomes Camelo, Estremoz, 20\$00; D. Maria Virginia Formigal de Moraes Lisboa, 20\$00; P.º António Mendes Correia, Brasil, 100\$00; D. Ana Barros Lamas, Estoril, 50\$00; José Maria Pereira Forjães de Sampaio, Coimbra, 40\$00; Joaquim Gomes, Agueda, 15\$; D. Ana Rosa Montenegro, Caminha, 20\$00; Joaquim Cardoso Pinto, Aruleda, 40\$00; D. Luísa Moraes Simões, Lisboa, 60\$00; D. Maria Guimarães, Monção, 40\$00; Manuel Tavares de Almeida, Sandiães, 30\$00; D. Maria das Dóres M. Mourão, Fafe, Gudarela, 20\$00; D. Ana Augusta Correia, Canas-de-Senhorim, 20\$00; João Rodrigues C. Reis, Pernes, 20\$00; D. Maria Brites Pereira — Viana-do-Castelo, 20\$00; D. Maria Leonor Machado, C-de-Basto, 50\$00; D. Maria C. Rebelo de Andrade, Guarda, 20\$00; Filipe Nunes B. Delgado, Tortozendo, 20\$00.

Este número foi visado pela Censura

LEITE MATERNO

Não há nada que o substitua. Todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio.

VITALOSE

Produz uma rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo. Gosto esplêndido.

Fresco, 20\$00 Nas boas Farmácias

NOVO ANO, NOVAS ESPERANÇAS

por Berta Leite

Como vencer o pessimismo invasor das almas, agente de inquietação e flagelo devastador das energias espirituais?

Eis a interrogação que assoma a todos os lábios e punge os corações incertos neste fim de ano de guerras e cataclismos. Como vencer a tristeza? Como formular bons votos? O horizonte carregava-se cada vez mais. E as trevas são quasi universais... Pobres olhos cegos e disformes da humanidade incrível e defetuosos!...

«De hora a hora Deus melhora», diz o povo português, único que tem realmente a invulgar intuição da misericórdia divina. As vezes... nem uma hora é precisa para que o céu carregado e negro se limpe das nuvens ameaçadoras e fique azul transparente e luminoso, como a graça abundante que desce em bênçãos das mãos puríssimas de Maria Santíssima.

O mundo quer a paz, tem fome e sede de tranquilidade e amor que o ódio causa e... nem sempre o sente quem o pratica ainda em guerra selvagem, cega e feroz. Como teremos a paz? Quando voltará aos nossos corações a certeza consoladora de que as armas foram depostas e que não se mata mais ninguém?...

Quando se lembrarão os homens das palavras de Cristo: «Amai-vos uns aos outros...»? Se a «Voz da Fátima» se fizesse ouvir além fronteiras, que ventura para todos!...

Se a Voz de Nossa Senhora fosse escutada, se se envergonhassem os que andam arredados do verdadeiro sentido cristão da vida e da morte!...

Nossa Senhora do Rosário de Fátima, que salvais Portugal, olhai para o resto do mundo e impedi-o de se dilacerar completamente!

Que o Novo Ano das Vossas Bodas de Prata em Portugal seja assinalado pelo feliz milagre da Paz mundial.

Senhora de Fátima que rogais por nós, rogai também por eles, rogal por todos. Abençoai o Ano Novo!

Escola de Chefes

Não é a falta de fé nem tão pouco o cansaço de dar do nosso bom povo a causa da decadência dos Cruzados de Fátima em algumas terras, mas sim a escassez de bons Chefes de Trezena como tantas vezes já foi dito. Não é bastante termos Chefes de Trezena bons para si, isto é, piedosos, cumpridores dos seus deveres de cristãos, frequentadores dos Santos Sacramentos. Precisamos que tenham estas qualidades, necessárias a todo o bom cristão e mais a paixão, a ânsia de conquistar almas para Cristo.

É necessário que vivifiquem e valorisem essa piedade e bondade pela acção a exemplo do Divino Mestre. Precisamos de soldados aguerridos, da primeira linha, capazes não só de aguentar o inimigo, as dificuldades, mas de tomar a iniciativa para o atacar onde quer que se encontre.

Com grande consolação o digo e sem medo de ser desmentido: temos, graças a Deus, muitos destes soldados e almas generosas e dedicadas, na nossa juventude.

Recrutá-los e prepará-los para o bom combate é dever nosso a quem Deus chamou para continuarmos a sua Missão na terra.

Para tal fim temos a reunião dos Chefes de Trezena.

E aqui que os Rev.ºs Párocos devem conhecer e preparar as pessoas dotadas naturalmente das referidas qualidades.

A reunião que nunca deve ir além duma hora é simples, mas proveitosa e de efeitos imediatos e certos.

O programa que fica à discreção

A ESTRELA

Por M. das F.

... vimos a sua estrela no Oriente e vimos adorá-lo...

Fernandinha levantara a voz, como para melhor penetrar o sentido das palavras, e lia alto sem reparar que o avô, no quarto contíguo, arrancara as velhas pernas trôpegas ao calor da braseira e se aproximava da porta, curioso e cauteloso.

Havia já um bom pedaço que a pequenita, que ele idolatrava, única companhia e consolação num fim de vida atribulada, permanecia no seu quartinho branco e confortável, tão amorosamente preparado pela mãe quando já viúva e atingida pela doença que devia vitimá-la. Antes mesmo da neta elevar a voz, já sabia ele bem que ela estaria absorvida nos livros de orações ou quaisquer objectos de piedade, coisas que, embora tão prontos em satisfazer-lhe todos os desejos e até caprichos, decididamente, não tolerava na sua presença.

Viram a sua estrela e vieram... comentava agora Fernandinha pensativa.

Ergueu os olhos do livro, poisouros na porta em frente e por pouco não soltou um grito ao ver o rosto do avô e, principalmente, a expressão de cólera que apresentava. No entanto, apenas corou, ao mesmo tempo que uma idéia lhe atravessava o cérebro precocemente desenvolvido:

Que coragem tiveram os Reis Magos... e eu não hei-de ter nenhuma!...

Levantou-se, com o livro na mão, e correu carinhosa para o velho fingindo nada notar nêde de extraordinário:

Avôzinho querido... se me deixasse... hoje... só hoje... ler-lhe neste livro... esta história tão linda dos Reis e da estrela.

Ao contacto dos braços que se erguiam para lhe enlaçar o pescoço, a cólera fundiu-se como por encanto e o homem beijou a criança amorosamente, sófregamente:

A minha estrela é tu... bem o sabes... Minha luz... minha vida... Minha Fernandinha adorada...

De facto ele chamava-lhe muita vez a sua estrela.

Tirou-lhe o livro e, com um gesto ainda um pouco brusco, pô-lo na mesa. Sempre abraçado à neta, voltou a sentar-se à braseira onde permaneceu calado por uns momentos. Tinha prometido à filha, já moribunda, que não poria obstáculos à instrução e práticas religiosas da pequenita, mas que deixava tudo isso ao cuidado da criada antiga que os servia e que o deixassem também em paz com as suas idéias.

Em paz!...

Bem pouca tinha ele disfrutado em toda a sua vida e mesmo agora, quando os outros o poderiam supor tão tranqüillo e feliz no gozo de fartos rendimentos e da companhia da neta, havia sempre qualquer coisa de inexplicável que magoava: uma falta... uma amargura... um espécie de remorso...

Sacudiu o importuno pensamento e fitou a neta em cujo olhar, cândido e cristalino, transparecia uma certa tristeza.

Que tem a minha estrela? — perguntou solícito.

do assistente e conforme ao meio em que se realiza pode versar mais ou menos o seguinte: acção desenvolvida por cada Chefe de Trezena durante o mês junto dos Cruzados das suas respectivas trezenas, desfazendo dúvidas, amparando os vacilantes: dificuldades encontradas, sua causa e meios de as vencer; possibilidade e meio de fazer novas inscrições; pessoas indicadas para novos Chefes: cumprimento das obrigações dos Chefes da Trezena quanto à distribuição dos jornais e quotas.

Aos novos Chefes em experiência: a um pode ser entregue uma trezena já formada e a outros encarregarem-se da formação de novas trezenas.

Por último terá lugar a explicação dos grandes benefícios dos cruzados e a importante missão confiada aos chefes de Trezena.

E como ela continuasse silenciosa, não se atrevendo a abrir-lhe o seu coraçãozinho, puxou da bolsa e tirou algumas moedas de prata.

— Está a tarde tão amena — disse. Queres ir visitar os teus pobrezinhos?... Toma... Chama a Maria... Vão, enquanto há sol...

Fernandinha saltou-lhe de novo ao pescoço, já toda risonha.

— Obrigada, avôzinho! Que bom!... De mais amanhã é dia de festa... Vou comprar-lhes castanhas... e café... e açúcar... Ou talvez lhes dê antes o dinheiro... Amanhã dia de Reis, sabe?... Daquêles Reis muito poderosos... que viram uma estrela muito linda o ela ensinou-lhes onde estava o Menino Jesus...

Calou-se assustada, mas o velho que contemplava embecido o seu rosto angelical, onde a alegria e o entusiasmo punham um colorido e uma expressão que o tornavam verdadeiramente fascinante, repetiu apenas:

Vão... vão enquanto há sol...

Fernandinha beijou-o mais uma vez e safou os pulos fazendo tilintar as moedas entre as mãos juntas e gritando à criada que se aprontasse para saírem.

Quando ao avô, ficou cabisbaixo de olhos postos no brazido que acabava de revolver, mas, mal ouviu bater a porta da rua, sinal de que estava só em casa, levantou-se. Aproximou-se da mesinha de cabeceira, pegou no retrato da filha e olhou-o por algum tempo. Em seguida e como que hesitante, encaminhou-se para o quarto da neta...

Fernandinha!...

Do seu leito, onde tinha passado uma noite bastante tormentosa, conseguindo dormir só pela madrugada, o ancião julgava ouvir qualquer ruído no aposento ao lado e receava que a pequenita se sentisse indisposta. Logo a seguir, porém, a ter chamado, ouvira-se a porta da rua que se cerrava, embora cautelosamente, e ele não se teve que não resmungasse:

— Está claro! Lá vão ambas para a missa... A esta hora e com este frio... Arrancar assim a criança ao calor da cama... Já é descoço!

Salto para o chão, conforme lho permitiram as poucas forças, o embrulhando-se numa manta, chegou à janela e afastou a cortina. Lá iam, na verdade, as duas, rua abaixo, apressadas e sem dúvida contentes — dum contentamento que ele lhes não podia dar com todo o seu dinheiro e afecto.

Então, maquinalmente, sem compreender que força o impulsionava e lhe dava uns ressaibos de saúde e mocidade, recordando talvez a frase que na véspera ouvira ler à neta, começou a vestir-se e, pouco depois, quasi dispensando o apoio na bengala, entrava no templo onde a missa ia em princípio...

No fim, ao sair do seu lugar para ir beijar o Menino, no meio da multidão cerrada, Fernandinha dá com o avô, que avidamente, a procurava com a vista.

— Avôzinho... querido avôzinho, murmurou ela pegando-lhe na mão — pois está aqui?...

— Sim, minha pequenina querida — respondeu ele no mesmo tom — Também eu... vi a sua estrela... e vim... Vimos adorá-lo!

E seguidos da velha Maria que chorava de júbilo, ajoelharam diante do Presépio.



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original.

TOPÁZIO

A verdade nas curiosidades.

A Mão Dum Santo



É para os crentes o mesmo que o FRILAX é para os enfermos

FRILAX (ramédio nas dores) faz desaparecer rapidamente as pontadas (dores nas costas e no peito); as dores musculares e articulares; dores de reumatismo e lumbago (dores dos rins); nevralgias e enxaquecas; dores resultantes de quedas, contusões e mau jeitos; entorses, torçicolos, caimbras e frieiras; dores dos pés (que se molestam com o andar) e tantos outros incômodos dolorosos.

Os seus efeitos manifestam-se após a primeira fricção.

FRILAX não causa a menor impressão mesmo nas regiões mais sensíveis do corpo; não contém corantes nem gorduras e tem cheiro agradável.

Sem os inconvenientes de certos medicamentos de uso interno, FRILAX é ainda incomparavelmente superior, em efeitos e eficácia, aos não inconvenientes e insupportáveis emplastros e aos linimentos que por muito educativos, nem sequer permitem a mais leve fricção.

Vende-se nas Farmácias e Drogarias.

Tubo 8\$50 — Bolião 13\$50

Agentes: José Bento Costa, Lda.
Rua do Arco da Bandeira, 136, 1.º LISBOA

Graças de N.ª S.ª da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

D. Maria Guilhermina dos Santos, de Castanheiro-do-Sul, agradece à Santíssima Virgem a graça que lhe concedeu, curando-lhe um seu sobrinho que tinha perdido a vista dum dos olhos, numa congestão.

Empregaram-se todos os esforços, diz, consultaram-se especialistas, mas estes afirmavam que só por milagre a criança poderia voltar a ver. Perdidas as esperanças na ciência, implorou-se, com mais ardor e fé, a intercessão da Santíssima Virgem e fomos atendidos, porque a criança recuperou a vista.

Esta cura é confirmado pelo Rev. Pároco nos seguintes termos:

«Confirmando, Castanheiro-do-Sul do Concelho de S. João-da-Pesqueira aos 9 de dezembro de 1941. O pároco Manuel de Lemos Ribeiro.»

Manuel Lopes Vilaverde, aluno do Seminário Conciliar de Braga, diz que seu pai, há pouco falecido, fora curado havia seis anos, por intercessão de Nossa Senhora da Fátima. Sofria duma úlcera no estômago da qual foi operado sem resultado algum. Entretanto recorreu a Nossa Senhora da Fátima, vindo a encontrar-se bem, o que foi causa de admiração para os clínicos que antes o tinham tratado.

D. Laura da Fonseca Pereira Davide, de Vila-Nova-de-Ourem, diz que tendo adoecido gravemente, sofrendo muito dos intestinos e do coração dois anos passou no meio dos maiores sofrimentos sem que os médicos conseguissem debelar ou mesmo atinar com a sua enfermidade. Em 13 de Junho de 1934 recorreu cheia de fé à Santíssima Virgem que se dignou ouvir a sua prece, pois volvidos dois dias, no dia 15, sentiu-se melhor chegando a curar-se completamente. Decorridos sete anos após a sua cura não mais tornou a sentir os antigos padecimentos.

Maria Alzira Ribeiro da Costa, de Freamunde, tendo quinze meses de idade, foi acometida dum ataque de paralisia numa perna. Empregados todos os meios humanos ao alcance da família nada conseguiram. A sua mãe voltou-se então para Nossa Senhora da Fátima, pedindo-lhe com grande fé e devoção a cura da sua filhinha. Foi atendida, e por isso vem publicamente dizer o seu «muito obrigada» a Nossa Senhora.

D. Conceição de Jesus Rita, do Arnal — Pombal, diz, que havia mais dum ano que nada sabia nem os seus, duma pessoa de família ausente no estrangeiro. Sentiam uma grande tristeza com isso, particularmente a esposa. No dia 13 de maio de 1937, na Cova da Iria pediu fervorosamente a Nossa Senhora por esta intenção. Alguns dias depois as notícias chegaram, enchendo a todos de muito regozijo. Vem tornar público o seu reconhecimento por este favor de Nossa Senhora da Fátima.

D. Maria Isabel Cabrila Vieira, de Estombar, (Algarve) diz que tendo um sobrinho com febre tifóide e meningite, recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo a sua cura e que não ficasse deficitoso. Fez a novena por esta intenção e deu a beber ao doentinho água do Santuário da Fátima. Foi atendida, pois o doente recuperou a saúde ficando sem defeito algum.

D. Aurora Pedrosa de Araújo, de Salvador-do-Campo — Santo Tirso, diz que estando doente com uma pleurisia e tendo recorrido a Nossa Senhora da Fátima, obteve a sua cura vindo por este meio tornar público o seu reconhecimento por graça tão grande alcançada.

Joaquim Pedro Correia, de Usseira-de-Óbidos, diz que sua mulher Maria de Nazaré Correia fora acometida, pois era o único filho da família, o

de tifo sendo o seu estado extremamente grave. Afliço, com medo e com fé, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, prometendo ir durante nove anos à Cova da Iria se a sua mulher escapasse. Foi ouvido na sua prece e cumpriu a sua promessa que terminou em 1936. Igualmente agradece outra graça que obteve da cura duma sua filha.

D. Elisa Faria Lapa, da Figueira-da-Foz, diz que tendo uma neta de 18 meses com tosse convulsa, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, e, contra o que ordinariamente acontece, em dois dias estava completamente curada.

José Dias Martins, do Juncal, diz que encontrando-se sua mãe muito doente, com pouca esperança de cura, pois os medicamentos não davam resultado satisfatório, recorreu a Nossa Senhora da Fátima, comungando, fazendo uma novena e prometendo publicar a graça caso a obtivesse. Seu pai que trabalhava de carpinteiro fora da terra, prometera também uma romagem de toda a família à Cova da Iria. Foi ouvido na sua prece e deram-se logo pressa em cumprir o que prometeram.

NOS AÇORES

D. Perpétua Alvernaz, Angra, agradece a Nossa Senhora a cura de uma doença grave do seu marido.

António Pereira da Cunha, Angra, agradece a cura duma sua filha.

D. Eugénia Medina de Sousa, Ilha Graciosa, agradece uma graça que Nossa Senhora da Fátima lhe alcançou.

NO BRASIL

J. Ventura, Manaus, diz que laborando sua esposa num parto difícil recorreu a Nossa Senhora fazendo a promessa de dar à criança que nascesse o nome de Maria da Fátima. Imediatamente o perigo cessou, nascendo uma menina, cumpriu a promessa e vem tornar público o sucedido para maior glória de Nossa Senhora da Fátima.

Carlos Tavares de Almeida, S. Paulo, agradece a Nossa Senhora da Fátima a cura duma doença grave e infecciosa de que fora acometida uma sua filha de 13 meses.

D. Adélia de Sousa, Rio-de-Janeiro, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma colocação que conseguiu para uma sua filha depois de várias novenas que fez a Nossa Senhora para esse fim.

D. Amélia Costa Ferreira, Olhos-d'Água, Brasil, diz que em 1934 adoeceu o seu filhinho António, diagnosticando o médico uma pneumonia.

Quando viu o seu filho plor e o seu marido correu a chamar o médico, voltou-se para Nossa Senhora da Fátima pedindo a saúde do menino. Prometeu que se fosse atendida mandaria celebrar uma missa, confessar-se-lhe com seu marido e ambos iriam à comunhão; prometeu ainda mandar uma fotografia da criança para o Santuário da Fátima e tornar público o seu reconhecimento. Nossa Senhora dignou-se ouvir a sua prece aflitiva. O menino dentro em breve estava curado.

Joaquim Alves da Silva, Aracaty, foi há cerca de 5 anos atacado na sua oficina de funilaria por um ébrio que lhe vibrou terrível punhalada no peito deixando-o em perigo de vida. Recorreu a Nossa Senhora da Fátima, prometendo que, se escapasse, mandaria publicar a graça e mandaria 5000.

A Santíssima Virgem atendeu o seu pedido e por isso vem cheio de reconhecimento cumprir o que prometera.

D. Teresa Lopes Barbosa, de Avandava, agradece a Nossa Senhora da Fátima uma graça obtida por sua intercessão.

NA INDIA PORTUGUESA

Conta o Rev. P.º Apolinário da Luz Pinto que em Janeiro de 1937, um jovem chamado Nôlencio Almeida, natural de Velim, aldeia do distrito de Salcete, em Goa, caiu gravemente doente, com fraqueza pulmonar, sendo desenganado pelos médicos mais autorizados. Nessa aflição tremenda, pois era o único filho da família, o

rev. Director do Colégio-Liceu Diocesano de S. Teotónio, de Margão, onde o rapaz era aluno interno, enviou imediatamente umas gotas de água da Fátima, recomendando à mãe para que ao filho fossem ministrados os sacramentos da Penitência e da Eucaristia logo no dia imediato, um sábado, dando-lhe depois a beber a água do Santuário da Fátima. O resultado foi maravilhoso! O rapaz deu logo sinais de melhoras, e foi ganhando forças físicas, com surpresa de todos. Graças a Deus e a Nossa Senhora da Fátima, encontra-se não só livre de perigo, mas na realidade bom.

D. Maria Presbiteria Santiago — Maçuca, Goa diz: «Em 6 de Outubro (de 1937) recebi uma carta da Madre Superiora de Kamptu (C. P. Índia), comunicando-me a doença de minha filha, Ir. Maria Josefina, que baixara ao hospital da cidade de Nagfurl».

O laconismo da carta deu-me a noção da gravidade do mal, levando-me a recorrer à Mãe do Céu. Mandei a doente uma garrafinha de água da Fátima com uma novena. Tratava-se dum tifo maligno. Embora a febre declinasse depois de 8 dias, os três relapsos posteriores com pequenos intervalos, fizeram com que os médicos do hospital receassem qualquer complicação dos rins; o caso era bastante grave, devido à doente estar havia dois meses e meio com febre.

Parecia que a Senhora da Fátima queria provar a minha constância protelando a cura de minha filha. Comecei a 2.ª novena em 15 e em 17 de Novembro, dum momento para o outro, esperava o telegrama com a triste notícia, pois não havia no mundo poder que a salvasse.

Nossa Senhora curou-a. Hoje, a minha filha, já restabelecida, continua a trabalhar como dantes na Misão.

Com toda a minha família venho mostrar o meu público reconhecimento a Nossa Senhora, como prometi.

Suli Furtado Bezerra agradece a N.ª S.ª da Fátima uma graça alcançada por sua intercessão.

Maria Zilma C. Furtado cumpre a promessa de publicar uma graça extraordinária, obtida de Nossa Senhora do Rosário da Fátima, em momento de aflição.

Baturitê, (Ceará).

Graças recebidas por intercessão de Jacinta Marto

G. B. P. envia 5000 em cumprimento duma promessa por uma graça recebida por intermédio da Jacinta.

Maria das Dores de Ornelas, agradece 3 graças recebidas de N.ª S.ª da Fátima, por intercessão da Jacinta.

Agradecem graças diversas

NO CONTINENTE

D. Maria Beatriz Barbeito, de Viana-do-Castelo.

D. Virginia do Espirito Santo Câmara, Amorosa.

D. Emília Quirino Madeira — S. Bartolomeu-de-Messines.

D. Cândida e D. Sofia Hilário — Messines.

António Alves — Arcozel.

Eduardo de Macedo e Santos — Vila-Real.

P.º Alberto Pereira Cardoso — S. Cipriano-de-Resende.

D. Carminda dos Anjos Vieira — Covilhã.

Manuel Fernandes — Almada.

D. Esperança Rosa da Silva — Vila-do-Conde.

D. M.ª do Céu M. de Moura P. da Silva — Boticas.

D. Maria Gomes Pinto — Pôrto.

D. Adélia Pinto Machado — Fornos.

D. Ana Nunes de Freitas — Oliveira-de-Azemeis.

D. Rosa Martins Lima Fontainha — Póvoa-de-Varzim.

D. Maria Martins L. Fontainhas — Ibidem.

D. Maria do Carmo — S. João-de-Tarouca.

Manuel Cuetano da Ascensão — Chã.

Joaquim de Jesus — Ventojos.

D. Conceição de Lourdes Pina de Oliveira — Fundeiro.

D. Ana Dias Lorangeira.

O culto de Nossa Senhora da Fátima no estrangeiro

Nossa Senhora da Fátima no Brasil

Duma carta do Rev. P.º José Aparício da Silva, S. J., para o Senhor Bispo de Leiria respigamos o seguinte:

Desde que aqui cheguei (31 de Janeiro de 1939) tenho procurado fazer a maior propaganda possível da devoção a N.ª S.ª da Fátima, Mãe e Padroeira de Portugal, e da devoção dos 1.ºs sábados, que tem sido muito bem recebida por todos e em toda a parte. Houve paróquia em que no primeiro sábado as comunhões subiram a 600 em desagravo ao Imac. Coração de Maria.

Uma cidade, do interior do Estado do Ceara, transformou-se quasi completamente; desceram graças abundantíssimas, por intermédio de N.ª S.ª, sobre essa paróquia. Foi benzer, numa paróquia rural, uma imagem de N.ª Senhora da Fátima. A aparição de N.ª S.ª naquela paróquia trouxe uma chuva copiosíssima de bênçãos de conversão sobre as almas. O pároco muito consolado chegou a dizer-me que o que não tinham feito muitas missões, fez N.ª S.ª naqueles abençoado dias. Muitas almas inteiramente afastadas dos sacramentos aproximaram-se e reconciliaram-se com Deus naqueles dias. Um homem, que havia 40 anos não se confessava, confessou-se com espanto e admiração de todos.

Tenho feito inúmeras conferências por todas as terras aonde tenho ido. As conferências são feitas com projecções dos filmes no cineoscópio. Em muitas partes tem havido enorme concorrência; por falta de local, tenho repetido a conferência na mesma noite durante 3 e 4 horas. Fiz conferências na Bala, Recife, Fortaleza, Baturitê, Aracaty, Quixadá, Varzea Alegre, Cajazeiras e em todas as capelas dependentes da Paróquia de Baturitê, aonde os nossos Padres vão mensalmente dizer Missa. (São umas 13).

Depois dessas conferências já encomendei umas 4 imagens de N.ª S.ª da Fátima, em Recife, numa casa portuguesa.

Para a Igreja da Companhia de Jesus, em Fortaleza, foi encomendada uma imagem da mesma Senhora, de 2 metros de altura.

Muitas graças se atribuem a N.ª S.ª de Fátima.

O culto de N.ª S.ª da Fátima em Angola

Tem-se desenvolvido muito em Angola a devoção a Nossa Senhora da Fátima. São dedicados à Santíssima Virgem, missões, várias capelas, e muitos altares com a sua imagem. A Missão da Huila é o centro da

D. Dulce Albertina Terrai — Abrantes.

D. Maria Joaquina de Azevedo — Pôrto.

D. Carmen Almeida — Lisboa.

Manuel Rodrigues — Vendas.

D. Catarina Soeiro de Brito — Cano.

D. Julieta Guimarães Pinheiro — Guimarães.

Manuel Ribeiro — Viana-do-Castelo.

D. Maria José Bandeira.

D. Maria Ribeiro Leal — Pôrto.

NOS AÇORES

D. Maria Aurora Terra — Ilha-do-Pico.

D. Elisa Amarilis B. de Santo Cristo — Terceira.

D. Maria José Corvelo Airó — Angra.

D. Maria Amélia Avellar — Angra.

D. Francisca Engrácia Brum — Terceira.

D. Maria da Conceição T. Soares — S. Jorge.

D. Telma Bôve — Colónia alemã — Falal.

D. Amélia Silva Picanço — Angra.

D. Maria da Glória — Santa Maria.

Gregório Soares — Pico.

D. Adelina Pereira Espalhados — Falal.

Tomás da Silva Faria — Angra.

António M. Canhoto — Falal.

devoção a Nossa Senhora do Rosário da Fátima.

A três quilómetros da missão, existe há alguns anos, um oratório à Senhora. Bem simples a princípio; mas tornou-se maior, à medida que crescia a devoção dos fiéis.

Uma imagem da Senhora, colocada num monte de pedras enlaçadas pela madre-silva, formavam-lhe o nicho.

Todos os domingos, depois do dia 13 de cada mês, ali iam em piedosa romagem, brancos e pretos, em união com os peregrinos de Fátima, a orar, pedir e dar graças à Mãe do Céu.

A devoção foi crescendo e com ela o desejo de levantar a Nossa Senhora, uma capela naquele lugar. O sítio árido e agreste, é muito parecido com a Cova da Iria.

A capela foi benzida no dia treze de Outubro.

A gente era muita, vinda da redondeza da missão.

Lá ficou branca como a neve a brilhar ao sol, por entre o verde escuro da ramaria e penhascos enegrecidos pelo sol de séculos, «mais um padrão a atestar aos vindouros, o amor dos portugueses à sua excelssíssima rainha».

Tiragem da «Voz da Fátima»

NO MES DE DEZEMBRO

Algarve	5.509
Angra	20.118
Aveiro	7.838
Beja	3.246
Braga	78.907
Bragança	11.874
Coimbra	14.020
Évora	4.290
Funchal	13.589
Guarda	18.589
Lamego	11.664
Leiria	14.140
Lisboa	12.218
Portalegre	11.554
Pôrto	51.987
Vila Real	23.599
Viseu	9.519
	312.661
Estrangeiro	3.447
Diversos	10.262
	326.370

Indultos Pontifícios

Terminam neste mês de Janeiro as graças, privilégios e mais benefícios concedidos aos que tomaram os Indultos Pontifícios no ano passado.

É preciso, pois, tomar novos Indultos da devida taxa. Os Rev. Párcos tem-nos às ordens dos fiéis que os procuram.

Os Indultos Pontifícios foram concedidos pelo Santo Padre exclusivamente para Portugal.

Antigamente querendo a Santa Sé colaborar com a nação portuguesa na evangelização dos infieis, sustentando os Missionários e dando-lhes meios para a propaganda concedeu a chamada Bula da Santa Cruzada obtida pela primeira vez pelo Marquês de Valença, neto do Beato Nuno de Santa Maria (Condestável Nun'Alvares) quando regressava de Viena d'Austria como chefe da embaixada que acompanhava a Infanta D. Leonor, que casou com o imperador Frederico 1.º da Austria.

A Bula da Santa Cruzada deixou de existir em 1910 na sua antiga organização mas foi substituída pelos Indultos Pontifícios em que o Santo Padre concede misericordiosamente aos fiéis as graças espirituais como os seus venerandos Antecessores.

As esmolas são hoje aplicadas especialmente na manutenção dos Seminários que, tendo sido esbulhados das suas casas e bens, não têm hoje outra fonte de receita que não seja a caridade dos fiéis.

Devemos, pois, tomar os Indultos como condição para lucramos os benefícios que nos concedem, e correspondermos à bondade do Sumo Pontífice.

Palavras mansas

NATAL

Quando estas palavras forem publicadas estarão a findar as festas do Natal, que, em pleno inverno, costumam ser tão acalentadoras, tonificantes e doces.

A despedida... Trocam-se os últimos cumprimentos, saboreiam-se as últimas gulodices, erguem-se sobre a lareira antiga as últimas chamas do lume tradicional e bendito...

Na época que atravessamos, talvez por ela ser singularmente dinâmica, as festas passam depressa. A despreocupação de espírito, a graça, a alegria risonha e optimista são como réstegas de sol, mas dum sol de pouca duração. Quanto mais precisamos delas, como conforto e alento, mais nos fogem, e por culpa nossa e só nossa.

As festas são ainda as mesmas; mas nós já não temos a alma com que as viveram patriarcalmente os nossos pais e avós.

Quanto e quantos terão vontade de dizer ao Natal o que os discípulos de Emaús disseram comovidamente a Jesus ressuscitado: — fica conosco, porque entardece e faz-se noite... Queremos luz, paz e um pouco de calor no coração: fica conosco! Neste pobre mundo revólto e desvairado, precisamos tanto de abrir a alma ao encanto e à graça de Jesus, Deus e Menino!

O Natal despede-se com loas de sabor antigo, de ponta em ponta, que terminam com saudações à boa gente da casa, retribuídas sempre com dádivas mais ou menos generosas. Loas que preparam e encaminham para a última adoração do Presépio...

Despede-se a cantar o Natal, para deixar mais saudades, sobretudo nas crianças, que se sentem embaladas pela história rimada e maravilhosa dos três reis do Oriente... Reis da paz, que se foram até Belém também com o pressentimento do que seria um dia, nos seus estados, a guerra...

No canto dos homens um eco amortecido do que foi o canto dos anjos na primeira adoração do Deus-Menino...

Em bons tempos, que desgraçadamente não voltam, a despedida do Natal era uma coisa triste e angustiosa para os estudantes que, por longes terras, iam fazendo o seu curso, com agruras que lembravam a vida angustiosa e incerta dos pobres escolares da Meia-Idade.

No meio de estranhos, com pouco ou nenhum conforto e nem sempre tratados com atenção e justiça. Pão nosso de cada dia antes e depois de dobrado o cabo tormentoso das troças cruéis e humilhantes.

Em vésperas do Natal, o estudante demandava, pois, ansiosamente a sua terra, tanto mais amada, como nota Chateaubriand, quanto mais pobre e agreste. A mãe de braços abertos, à espera, tinha um ar de aparição, a casa natal era o mais brando e doce dos refúgios, a chama do lar aquecia o corpo, a alma...

Lembram-se ainda?... Se não lembram, peçam a Deus, infinitamente bom, que lhes perdôe...

26 de Janeiro a 4 de Fevereiro

Novena e Festa do

Beato João de Brito

Abençoada e recomendada pelo Venerando Episcopado Português

Ao B. João de Brito, religioso da Companhia de Jesus, sacerdote e missionário da paz entre os infiéis, peçamos

- 1) A paz justa no mundo inteiro e a sua continuação em Portugal;
2) Muitas e fervorosas vocações religiosas, sacerdotais e missionárias.

CRÓNICA FINANCEIRA

A guerra alastra pelo mundo e quanto mais povos envolver nas suas redes, maiores serão as dificuldades criadas à produção dos géneros indispensáveis à vida e maiores incomparavelmente os obstáculos que dificultam a sua circulação através das terras e dos mares. Quere isto dizer que ninguém pode contar com o que está longe, nem com o que vem de fora, porque tudo isso é incerto e falível. Cada país, e Portugal em particular, só pode contar com aquilo que tem dentro das suas fronteiras e com o que dentro delas pode produzir.

De modo semelhante, cada casa de lavoura tem de proceder como se o mundo acabasse nos seus muros. Conte cada uma consigo mesma e com seus próprios recursos, pois só isso tem certeza e segurança. Quem tiver de meter jornaleros, conte com pão para lhes dar de comer, se quiser ter trabalho assegurado. E se não tem pão de casa para todo esse consumo, trate de o comprar a tempo e horas que dum momento para o outro pode fazer-se tarde.

Hoje, mais do que nunca, é preciso que a produção nacional de géneros alimentícios não afrouxe, porque só com a nossa produção podemos contar. E para tanto é preciso que não faltem os elementos necessários à produção agrícola: trabalho, adubos e sementes.

Quanto ao trabalho, só o pode ter garantido quem tiver com que sustentar os jornaleros. Claro que enquanto houver pão à venda, não é preciso esse cuidado, pois até a secca se arranjam trabalhadores. Mas se chegar uma ocasião em que não haja pão à venda? Como há-de arranjar trabalhadores quem não tiver com que lhes dar de comer?

Quanto aos adubos, em grande parte do país o problema resolve-se facilmente, porque só se usa adubo de curral. Só nas terras de cultura extensiva se usam em grande escala os adubos químicos e esses podem faltar dum momento para o outro. De sulfato, parece que estaremos garantidos por este ano, por especial favor da nossa antiga aliada; mas apesar disso, como está longe, não é seguro.

Quanto a sementes, é preciso a máxima cautela. Estamos informados de que, em certas terras da raia, houve quem vendesse aos contrabandistas por preços fabulosos todo o centeio colhido, incluindo a própria semente!... Os alarves que tal fizeram, contam manifestamente que as autoridades lhes venham a vender pelos preços da tabela aquilo que eles venderam aos contrabandistas por três ou quatro vezes mais. Negócio excelente, na verdade, se não sair furado. Mas se se der o caso de as autoridades, que não semeiam nem colhem (e portanto não são obrigados a ter géneros que não é esse o seu ofício), mas se se der o caso, dizíamos, de as autoridades não poderem obter sementes para fornecerem aqueles mesmos que por ganância estúpida os venderam na colheita? Se isso suceder, não poderão semear e é bem feito, pela parte que lhes toca; mas a verdade é que se todos assim fizessem, a nação morreria à fome.

Não é só a maluqueira do volfrâmio que está comprometendo a nossa produção agrícola em muitas partes, pelos braços que ocupa e mesmo pelas terras de sementeira que arruina. O contrabando é muito mais perigoso porque é um poço sem fundo onde podem submergir-se todas as nossas subsistências.

Pacheco de Amorim

Fórmulas novas de Orações

A PENTEAR E BARBEAR

O meu barbeiro é a minha melhor agência de informações. As vezes estou ansioso por que o cabelo cresce para saber o que se diz e pensa pelo mundo fora. As suas três cadeiras são outras tantas cátedras onde se senta e fala toda a gente. Homens do povo, comerciantes, funcionários e professores todos se sentem à vontade para exprimir a sua maneira de pensar e de sentir.

Tudo ali se comenta, tudo se discute: guerra, política, moral, medicina, ciências, direito e até religião. Enfim, uma espécie de universidade! O Sr. Carolino com a assiduidade daquelas lições duplamente proveitosas tornou-se uma enciclopédia de conhecimentos abundantes e variados. E não faz isto maravilha pois ninguém vive em contacto mais íntimo com cérebros de todos os feitios, e, valha a verdade, ninguém mais capaz de arrancar meia dúzia de pelitos e uma boa ideia a qualquer freguês...

Espreito à porta. Há um lugar vazio. É boa ocasião. Entro.

— Então desta vez fico sem o meu lugar, lá ao cantinho...

— Não, não, hoje é aqui no meio como Jesus entre os doutores.

Está-lhe mesmo a calhar. Olé! Como sopra no mel.

E enquanto gira a cadeira e me levanta a cadeira para ficar mais recostado e cómodo—para ele, é claro—põe-me ao corrente da discussão do dia.

— Estão estes senhores aqui empenhados em saber porque é que deram ordem na Igreja de se não rezar como antes.

— Essa agora! Vou lá tantas vezes como os senhores e não me consta de nada... Nunca tal ouvi!

— Ah! Lá isso é verdade! Mas este senhor da direita entende uma coisa, o da esquerda entende outra e eu acho, com os meus fracos conhecimentos que nem um nem outro diz a verdade. O senhor que lê as Escrituras é que há-de ser o juiz.

— Pois vamos lá a julgar. Aprel cautela, Sr. Carolino! Parece que a sua navalha já entrou também na questão...

— Isto não é nada. É a consequência de uma lei física. É a noção do frio sobre os metais. Dizem os sábios que o frio contrai os corpos. De maneira que com este tempo tenho sempre as navalhas rombas. São poucos os fregueses que o não notam. Mas deixe aquecer o aço e há-de voltar a brandinha como manteiga.

E como fomos dizendo, como é que se entende que tenham mudado o Padre-Nosso e outros pontos da doutrina? — Qual mudança? O da direita com um pulo: — E você a dar-lhe! O empregado: — Quietinho com a cabeça. — Pois então até aqui era Padre-Nosso, agora é Pai-Nosso; antes dizia-se: perdoai-nos as nossas dividas..., agora é perdoai-nos as nossas ofensas... Para que é isto? Caprichos de sacerdotia.

— Caprichos, não. Quem o fez sabia melhor o que fazia e o que dizia do que o senhor. Fêz-se isto pelo simples desejo de adaptar as preces da Igreja à linguagem vulgar. É preciso que o povo saiba, quer dizer, entenda o que diz.

— Ora aí está. Sem altos nem baixos é assim mesmo que eu vejo as coisas.

— O senhor não sabe que a língua é falada por seres vivos, evoluciona como os que a falam? Diga-me lá: o senhor hoje quando fala emprega as mesmas palavras que empregava o seu bisavô?

— Eu sei lá! Não o conheci!

— Mas aqui está o Sr. Carolino que tem lido livros de todas as eras. — Lá isso é verdade. Diz um livro velho que eu lá tenho que tem o título de vocabulário que antigamente trigar-se era apressar-se, a minha era depressa, aspáço, devagar e... não me lembro agora. E então a minha avó não queria que nós chamássemos à minha mãe senão Senhora Mãe? Pois é verdade.

— Pois aí têm os senhores. As palavras umas morrem, outras mudam de significação e é preciso dar aos pensamentos e às orações palavras que as exprimam e que todos entendam. E note bem que já não é a primeira vez que isto se faz entre nós.

Quando hoje se falava de dividas no Pai-Nosso talvez nem toda a gente entendesse que se tratava das

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª série)

XVII

Quantas vezes as mães cantam...

Entre as muito numerosas obras do sábio Leite de Vasconcelos, há pouco falado, destacarei como particularmente bela a que se intitula «Canções do berço». Ali são arquivadas cerca de duzentas quadras com que as mãezinhas portuguesas tentam adormecer os seus meninos:

«Nana, nana, meu menino, Qu'a mãezinha logo vem: Foi lavá-los teus paninhos Ao reguinho de Belém.»

«Quem tem meninos pequenos, Por força lhe há-de cantar: Quantas vezes as mães cantam Com vontade de chorar!»

São tão lindas e tão impressionantes as melodias com que as mães embalam os filhos, é tal a ternura com que as santas mães procuram afugentar os perigos que rodeiam o seu menino, que as doces canções do berço parecem que nos acompanham pela vida fora com o Anjo da Guarda...

Que tormentos passam as pobres mães, na previsão de um acidente que possa pôr em risco a vida da sua criaturinha!

A alimentação defeituosa, em excesso ou fora de horas pode acarretar perturbações funestas, tão vulgares.

O frio é pernicioso às crianças e o calor excessivo também as prejudica. A erupção dos dentinhos aflige-as muito e os delicados seres, por motivos conhecidos ou desconhecidos, choram a cada passo, não dormem, põdo as mães em constantes sobresaltos.

As mãezinhas, cheias de paciência, canta sempre ao seu menino: «Quantas vezes as mães cantam com vontade de chorar!»

A mãe portuguesa é extremamente carinhosa e tem um amor inextinguível pelos seus filhos. Se é defeituosa a maneira como ela os cria, é porque não sabe tratá-los melhor. É preciso ensiná-la.

Antes que o menino adoça, é necessário que um médico de confiança o examine e dê as precisas indicações para tentar evitar qualquer doença.

As refeições devem ser espaçadas e a horas certas. Deve agasalhar-se a criança, mas não excessivamente.

O banho deve ser diário e deve usar-se a mais escrupulosa limpeza. Ninguém se aproxime do menino sem ter lavado as mãos; nada se lhe põrha nas mãozinhas, sem estar escrupulosamente limpo.

É preciso que não poue uma mosca no menino! Nada mais sujo que tal insecto.

Podemos ter a maior confiança no carinho e no amor das mães. O que é preciso é ensinar-lhes o que elas devem fazer e o que devem deixar de fazer, para que se conserve a saúde do seu menino.

O carinho e a paciência ilimitada não são peculiares à mãe portuguesa: estendem-se igualmente a quem a substitui: a avó, a irmã mais velha, uma humilde criada tratam sempre os meninos com a maior ternura.

Essas qualidades afectivas da mulher portuguesa devem ser respeitadas e orientadas pelas regras mais severas da puericultura.

Se tais regras forem devidamente aplicadas, não terão tanta vontade de chorar as santas mãezinhas, cuja preocupação tristeza será substituída pelo nobre orgulho de dar à nossa Pátria novos homens, que substituirão os que a morte vai levando.

J. A. Pires de Lima

nossas ofensas, dos nossos peccados. Poucos saberiam também que padre quer dizer pai e que Deus é Pai de todos nós.

Oremos como a Igreja nos manda que é assim que Deus nos ouve com agrado.

A discussão ameaçava prolongar-se com o companheiro da esquerda mas o empregado cortou a contenda quando com duas tesouradas pôs pronto.

L.P.